



Uma herança levada ao som da flauta

Débora Motta

Projeto na UniRio recupera repertório pouco divulgado de um dos mais importantes nomes da música erudita no País



Um dos maiores músicos eruditos brasileiros do século XX, o compositor Francisco Mignone (1897-1986) deixou um vasto legado de obras para orquestra sinfônica, ópera, coral e música de câmara. O que poucos sabiam é que esse acervo tão diversificado ainda guarda preciosidades inéditas, que vão além da sua produção para piano solo, mais conhecida pelo público. Uma das facetas pouco explorada pelos discípulos e admiradores de Mignone, seu repertório para música de câmara que contempla extensivamente a flauta transversal, não dorme mais em baú, armário ou gaveta. Coordenado pelo flautista e professor Sérgio Barrenechea (*na foto ao lado*), um projeto de pesquisa na Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro (UniRio) contribuiu para enriquecer um pouco mais o universo da música erudita com a gravação do CD triplo *A Música para Flauta de Francisco Mignone*.

“O objetivo do projeto é resgatar obras relevantes da literatura para flauta na música de câmara de Francisco Mignone, tentando contribuir, assim, para a sua divulgação entre o público e músicos interessados em sua obra”, resume Barrenechea. Em sua avaliação, a contribuição de Mignone ao repertório para flauta transversal merece atenção especial, não apenas pelo grande número de obras do compositor que incluem este instrumento, mas também pela maneira inventiva como a flauta é utilizada, frequentemente exigindo habilidades virtuosísticas do executante. “Entre peças originais e transcrições, Mignone compôs mais de 30 obras para música de câmara que incluem a flauta transversal”, contextualiza. *Flauta em destaque*



O repertório de Mignone voltado para a flauta permeia seu desenvolvimento como um compositor completo, que escreveu para diversos gêneros e formações instrumentais – com destaque para obras sinfônicas e as de música de câmara para fagote, voz, piano e cordas –, mas também reflete a sua história de vida. “A predileção de Mignone pela flauta decorre principalmente do fato de seu pai, Alfério Mignone, ter sido um flautista profissional e tê-lo incentivado a tocar este instrumento na juventude”, conta Barrenechea, ressaltando que a figura do pai do compositor está presente ao longo de todo seu repertório flautístico. Ele dedica a Alfério as obras *Três Peças*, de cunho nacionalista e com arranjo para piano solo, e *Suíte para flauta e cordas*, que remete a um italianismo reminescente. Já na *Sonata para flauta e piano*, obra atonal de 1962, a referência paterna encontra-se presente na dedicatória ao eminente flautista ítalo-argentino, “para Alfredo Montanaro, grande amigo de meu saudoso pai”.

Além de revelar a influência paterna, a proximidade de Mignone com a flauta também aponta para a proximidade do compositor com a música popular brasileira. “Para se esquivar do preconceito da época contra os músicos que não se dedicavam à música erudita, ele assinou, quando jovem, diversas composições populares com o pseudônimo de Chico Bororó”, explica o professor.

Dessa fase dedicada à música popular, quatro peças entraram no repertório da coletânea: *Céo do Rio Claro*, *Assim Dança Nhá Cotinha*, *Saudades de Araraquara* e *Celeste*. “Todas elas foram gravadas com a participação do pai de Francisco Mignone, frequentemente tocando a parte melódica principal na flauta”, conta o pesquisador. Todas as peças assinadas por Chico Bororó foram gravadas em discos de 78 rotações pelo selo Parlophon, que registrou nesse período 19 composições de Mignone, muitas com a Orquestra Paulistana, dirigida e regida por seu pai.

A coletânea também faz um apanhado das demais fases da produção do compositor, que foi maestro do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e professor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), à época conhecida como Universidade do Brasil. “Procuramos apresentar um repertório representativo, que destacasse todas as fases da produção musical ao longo da sua vida”, diz Barrenechea.

A partir do alto: o ainda jovem Francisco Mignone, estudante de música, em Milão, em 1921; à frente da Orquestra do Theatro Municipal do Rio, em 1955; na foto em família acompanhado por sua mulher, Maria Josephina, e pela única filha do casal, Anete; ao piano, ao lado da mulher, com quem foi casado por 22 anos; e em ensaio com a Orquestra Sinfônica Brasileira, em 1982

Fotos: Divulgação



Música em família: ao lado da mulher, a pianista Lucia, Sérgio forma o Duo Barrenechea

O professor explica que as outras vertentes da obra de Mignone, além da popular, presentes nas faixas do CD triplo são o eurocentrismo e neoclassicismo sem intenção nacionalista explícita; o nacionalismo, influenciado por compositores como Villa-Lobos, que beberam na fonte das raízes populares brasileiras; o dodecafonismo e procedimentos seriais (música atonal, influenciada pelo modernismo); e a fase da maturidade do compositor, em que ele fez uma síntese de duas ou mais características das suas fases anteriores.

A escolha do repertório para a coletânea deu-se após um longo processo de pesquisa, que incluiu busca de partituras manuscritas em algumas instituições, como a Biblioteca Nacional, que guarda parte do acervo particular de Mignone doado pela viúva do compositor, Maria Josephina, além de visitas a músicos eruditos que foram contemporâneos do maestro. “Entrevistando os músicos que conviveram e tocaram

com Mignone, conseguimos recuperar alguns manuscritos que estavam em posse de Odette Ernest Dias, que foi professora de flauta da Universidade de Brasília; de Celso Woltzenlogel, que foi professor de flauta da UFRJ; e também de Noel Devos, que foi professor de fagote da UFRJ e da UniRio”, revela. Outra parte do material foi disponibilizada pelo pesquisador Flávio Silva, da Coordenação de Música Erudita da Fundação Nacional de Artes (Funarte).

Para Barrenechea, a causa do desconhecimento dessa parte do acervo de Mignone até hoje é a ausência de registros sonoros. “A maior parte do repertório da coletânea está sendo gravado pela primeira vez”, destaca o flautista. “Essas obras não foram editadas, por isso caíram no esquecimento. A maioria das partituras estava apenas no manuscrito de Mignone. Só uma minoria havia sido publicada e comercializada”, relata. Mas o material, ao que parece, ainda está longe de ser esgotado. “Ainda ficou muita coisa de fora, dá para gravar mais três CDs”, diz Barrenechea. Por isso, a ideia do professor da UniRio é dar continuidade ao projeto. “Essa foi só uma primeira produção em áudio. Depois, vamos tentar publicar as partituras registradas no CD triplo e gravar uma nova coletânea”, adianta.

Com o apoio da FAPERJ, por meio do edital para *Apoio à produção e divulgação das Artes*, o projeto contou com a participação de um grupo de músicos de notória excelência artística, além de estudantes da graduação e da pós-graduação em música e de pesquisadores – todos ligados, de alguma forma, ao Instituto Villa-Lo-

Repertório para flauta de Francisco Mignone ficou desconhecido até hoje pela ausência de registros sonoros

bos, da UniRio. Entre os músicos participantes estão, além de Sérgio Barrenechea, na flauta em sol e *pícolo*; os também professores Lúcia Barrenechea, ao piano; Hugo Pilger, no violoncelo; Luís Carlos Justi, no oboé; Fernando Silveira, na clarineta; e Elione Medeiros, no fagote; e mais os pós-graduandos José Benedito Viana Gomes e Nilton Antonio Moreira Jr., ambos na flauta; o ex-aluno Carlos Prazeres, no oboé; e o bacharelando Felipe Braz da Silva, na flauta. Todas as faixas incluídas nos três CDs podem ser baixadas pelo endereço <duobarrenechea.mus.br/cd_mignone.htm>. ■

Pesquisador: Sérgio Barrenechea
Instituição: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio)

Encarte do CD triplo A Música para Flauta de Francisco Mignone: coletânea apresenta obras raras do compositor para o instrumento

